

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Jornal do BrasilCLASS. : GuaraniDATA : 06/04/92PG. : 04

1512



São Paulo — Fotos de Luiz C. dos Santos

Karaí Mirim (C) diz que os índios, na verdade, comemoram 500 anos de resistência

Guaranis preparam programação para contestar Descobrimento

José Maria Mayrink

SÃO PAULO — A primeira iniciativa do Centro de Cultura Ambá Arandu, dos índios do Morro da Saudade — uma aldeia guarani que sobrevive na zona rural de Parelheiros, a apenas 60 quilômetros do centro da capital — é um ato de protesto. Eles abrirão as comemorações dos 500 anos de Descobrimento da América no Sábado de Aleluia, véspera do Dia do Índio, com o *sondaro*, uma dança milenar de preparação dos guerreiros para o combate.

"Estamos celebrando 500 anos de resistência", justifica o coordenador do centro, Karaí Mirim, um professor de História do Brasil que ensina a seus alunos uma versão muito diferente daquela que se costuma aprender nos livros didáticos. "Vamos aproveitar o quinto centenário do Descobrimento para desmascarar os conquistadores, a começar pelos bandeirantes", anuncia o índio. A programação, que só terminará em 12 de outubro, terá aulas públicas, debates, shows e seminários. No encerramento, dois tribunais simulados — um de índios e outro de brancos — julgarão os colonizadores de acordo com as leis dos povos indígenas.

Tradição — O Centro de Cultura nasce com a preocupação de preservar a tradição guarani, resgatando a memória e os valores indígenas. Um prédio de alvenaria, construído com financiamento de uma fundação alemã de Dusseldorf, vai abrigar documentos coletados pelos índios sobre sua civilização. Além das 48 famílias que vivem no Morro da Saudade, participam do projeto os guaranis das aldeias de Krukutu, também da região de Parelheiros, e de Araponga, no município fluminense de Parati.

As instalações ainda não ficaram prontas, mas o Ambá Arandu já está funcionando. Tudo muito informal, a começar pela alfabetização bilingüe, na casa dos rituais, onde o cacique Guyrá Pepó reúne a meninada duas ou três vezes por semana. "Aprendi português e guarani estudando sozinho e agora estou dando aula", orgulha-se o cacique, de 52 anos.

"O cacique, que é também o pajé, é o pai de todos nós", observa Karaí Mirim, que tem diploma de faculdade, mas se submete a Guyrá Pepó como os demais índios, quase todos analfabetos. A aldeia do Morro da Saudade — um dos três enclaves guaranis no município de São Paulo — vive ao ritmo das matas, apesar da intromissão dos vizinhos brancos que



Guyrá Pepó ensina português e guarani às crianças

invadem sua privacidade. As excursões escolares, por exemplo. Professores e alunos chegam com espelhos e pentes para trocar por arcos e flechas, imaginando que os índios ainda estão no tempo de Cabral.

Sobrevivência — Os 200 guaranis de Parelheiros plantam milho, mandioca, cana, batata doce e principalmente banana. São pequenas roças que eles vão mudando de uma área para outra, para descansar o solo. A reserva tem 26 hectares, mas só a metade dela está ocupada. A outra metade, já demarcada pelo governo do estado, depende de uma decisão judicial. "As terras foram retomadas da massa falida da antiga TV Tupi, que recorreu ao Tribunal Regional Federal", informa o advogado dos índios, Marco Antônio Barbosa.

O que os guaranis colhem mal dá para a subsistência. Como não existe caça nas matas devastadas, o jeito é partir para culturas alternativas. A

criação de cabras, ainda experimental, é uma delas. A vizinha represa de Billings oferece peixes, mas o cacique desaconselha a pesca, por causa da poluição. "A água daqui não presta, esse é nosso maior problema", afirma ele.

Toda ajuda é bem-vinda, mas os guaranis fazem questão de tocar sozinhos os seus projetos. "Quem quer bem ao índio é o próprio índio, porque o índio sabe onde dói", argumenta Karaí Mirim. O princípio vale para tudo — inclusive para o Centro de Cultura Ambá Arandu, que recebeu US\$ 32 mil da Alemanha e precisa de outro tanto para concluir a obra. "Os alemães fiscalizam o emprego do dinheiro, mas são os índios que decidem o que fazer." A planta do prédio, por exemplo, obedece à tradição dos guaranis, que constroem suas escolas com duas entradas — uma voltada para o Sul e outra para o Leste. "Facilita o ensino, mexe com as leis cósmicas."